

## **A explicação**

Sheila Kaplan

2018

## **Personagens**

Ana

Zé

Apoc

Sublim

## **Nota**

*Ana e Zé têm entre 30 e 40 anos. Ambos são da chamada classe média, não importando muito suas profissões.*

*Apoc e Sublim são gêmeas. Nasceram xipófagas, unidas pelo abdômem, mas foram separadas por cirurgia aos cinco anos. Marginais, têm algo de anjas. Vivem de pequenos bicos.*

*O som de um metrônomo percorre toda a dramaturgia, como uma trilha musical.*

*Às vezes quase inaudível, outras em volume alto ou até altíssimo*

## **Prólogo**

*Metrônomo em volume baixo. Adagio. 70 bpm.*

*Apoc e Sublim conversam enquanto jogam cartas num banco de praça.*

APOC: Que som é este? Ouve algo?

SUBLIM: Como um assovio?

APOC: Não. Um som constante. Pam-pam-pam. Escuta.

SUBLIM: Não ouço nada.

APOC: Bati.

SUBLIM: Como assim? Não pode ser. Já?

APOC: Acabou o jogo [*mistura raivosamente todas as cartas, desmanchando o jogo*]. Tempos loucos, cruéis, terríveis.

SUBLIM: O que quer dizer, irmã? Odeio metáforas.

APOC: Não tem metáfora nenhuma. Digo que vivemos tempos sombrios.

SUBLIM: Isso é metafísica demais pra minha cabeça.

APOC: Metafísica? Está totalmente fora de moda, não te contaram?

SUBLIM: Pelo menos sobrou a física.

APOC: Tempos loucos, cruéis, terríveis.

SUBLIM: E algum dia foi diferente?

APOC: É sempre diferente. E no entanto...

SUBLIM: Vamos mais uma partida? Quero nova chance. [pausa]  
Você tem saudades daquele tempo?

APOC: Está louca? Como posso ter saudade de quando éramos uma só? Uma escrava da outra.

SUBLIM: Fazíamos tudo junto. Era tão bonito. Dormíamos juntas, acordávamos juntas...

APOC: Cagávamos juntas, sua merda respingando em mim...  
Como pode ter saudade??

SUBLIM: Um só intestino, um só fígado. Quis Deus que nascêssemos assim: grudadas.

APOC: Mas graças ao dr. Savage nos desgrudamos. Ele conseguiu o que ninguém acreditava ser possível. Separou nossos órgãos, dividiu nossos corpos, nos salvou.

SUBLIM: Eu tenho muita saudade de antes. Quando éramos xipófagas. Tão unidas. Detesto essa cicatriz no meu abdômen. Essas cicatriz horrorosa da nossa separação.

APOC: Bati de novo!

### **Cena 1**

*Metrônomo em volume mais alto. Andante. 80 bpm.*

*Num bistrô, numa esquina da praça, Ana espera. Olha em volta, bebe água mineral aos goles, consulta o relógio. Depois de algum tempo, Zé chega esbaforido.*

*Apoc e Sublim, ainda sentadas em torno à mesa do carteado, assistem à cena e comentam.*

ZÉ: Ana?

ANA: Zé?! Você só pode ser o Zé. Imaginava você exatamente assim.

ZÉ: Fico contente, tomo como elogio. Vi pelas fotos que era bonita. Ao vivo, é muito mais.

APOC: Pronto. Ganhou a mina.

ANA: Me fala um pouco de você.

ZÉ: Difícil contar a vida assim. Começar por onde? Fala você primeiro.

ANA: Sou canceriana, emotiva, solidária. Uma mulher independente.

SUBLIM: Horóscopo sempre cola.

ANA: Sou muito direta, não gosto de subterfúgios.

ZÉ: Também não. É a melhor maneira da gente se entender.

ANA: Vou direto ao ponto: procuro um amor.

ZÉ: Também busco um relacionamento... um relacionamento amoroso. Verdadeiro. Sinto como se até agora tudo que vivi não tivesse

passado de ensaio. Eu me diverti, não vou negar. Mas chega uma hora que é preciso se assentar, firmar raízes. É o que dá sentido, não é?

ANA: É o que dá sentido.

ZÉ: Um amor maduro. Sem expectativas.

ANA: Sinto que começamos aqui uma história.

ZÉ: Uma história sim. Pra durar a vida inteira.

ANA: Hoje é nosso primeiro encontro e parece que nos conhecemos há milênios.

ZÉ: Muitas encarnações passadas.

ANA: Foi no Egito? Nas vinhas de En-Gedi?

ZÉ: Sim, eu era um pastor. Você fez disparar meu coração com um simples olhar. Você, a mais bela das mulheres, olhos doces de pomba.

SUBLIM: Mais uma bola dentro! Olha como ela gostou.

APOC: Esse papo é mais antigo que a bíblia.

ANA: Deitamos entre lírios. Você elogiou minhas coxas, meus seios. Eu disse: eu sou do meu amado e o meu amado é meu.

ZÉ: Eu tremia. Você me deixou ansioso para amar. Tão ansioso como um condutor de carros de guerra para entrar na batalha.

APOC: Que batalha? Por que ele tinha que falar em guerra já no primeiro encontro?

SUBLIM: Coisa de época. Os antigos viviam em guerra.

APOC: Os antigos.

SUBLIM: O que que você tem aí que não para de revirar esse bolso?

APOC: Uma carta. Uma carta pra ela. Uma carta pra ela entregar pra ele.

SUBLIM: Joga fora essa carta. Uma última partida? Tenho direito.

APOC [guarda a carta]: Preparada para perder de novo?

ANA: Preciso ir.

ZÉ: Já? Tem mesmo de ir?

APOC: Não me engana essa aí. [*Tira do bolso o livro “As palavras e as coisas”, de Pedro Brício, e lê*] “Eu tenho a fama de gostar de tesourar as coisas... é verdade, fui eu que acabei tesourando todas as minhas relações”.

SUBLIM [*Puxando o livro da mão da irmã, lê*]: “Mas não é um prazer”.

APOC [*Retomando a posse do livro*]: “É só alguma lucidez e coragem para dar o último corte, mas eu não gosto de fazer isso. O fim está presente desde o início numa paisagem, não é?”

SUBLIM: Eles também?

APOC: O jogo mal se inicia e começa a acabar.

SUBLIM: Não!

APOC: Cartas marcadas, siamesa querida.

SUBLIM: E o que vem depois?

APOC: Vamos jogar! Não aguento essa sua aflição.

SUBLIM: O que vemos é uma comédia?

APOC: Se lhe parece...

SUBLIM: Ou uma farsa?

APOC: Como gostais. Bati de novo! Desiste, irmã.

## **Cena 2**

*Metrônomo em volume mais alto. Moderato. 110 bpm.*

*Um semana depois.*

*Ana e Zé caminham na praça de mãos dadas, íntimos.*

ZÉ: Já te disse que acho seu nome lindo? Era o nome da minha avó. Vó Ana. Tinha adoração por ela. Um nome pequeno, perfeito.

ANA: Que coincidência, meu avô se chama José! O pai do meu pai. Não é incrível?

ZÉ: Não acredito em acaso. Tudo são sinais, é uma questão de saber lê-los. Quem mesmo que disse isso?

ANA: Todo mundo?

ZÉ: Que sorte eu ter te encontrado.

ANA: Não sei se me precipito. Mas já sabe que sou direta. Vou falar: quero um filho seu.

ZÉ: Não está um pouco cedo? Essa é uma decisão muito séria.

ANA: Já passei dos 30. Quer dizer, pra você posso falar, dos 35. Dos 36. Tem o tal relógio biológico, você sabe.

ZÉ: Filho ou filha?

ANA: Primeiro um filho. Parecido com você. Bonito e inteligente.  
Também se chamaria José, como você. Tal pai tal filho.

ZÉ: Te amo.

ANA: Sabe quem eu amo?

ZÉ: Eu?

ANA: Lars von Trier.

ZÉ: Ahn?

ANA: Daquele filme *Anticristo*.

ZÉ: Cruzes. Não sei quem é.

ANA: Hoje vai passar *Melancolia* na TV. Quer ver lá em casa?

ZÉ: Vamos! Mas esse nome, sei não. A vida já é tão dura, pra quê curtir melancolias? Gosto da arte que entretém, que alegra. Não tem uma comédia pra gente ver? Gosto de rir.

ANA: Rir é muito bom. Rir junto. Rir de tudo. Morrer de rir.

*Apoc passa por eles, com um realejo da sorte. Um papagaio e vários bilhetinhos. Entre eles, de tamanho maior, a carta.*

APOC: Querem tirar a sorte? Só dois reais. Só dois reais!

*Ana e Zé acham graça e recusam.*

APOC: Isso que chamam cumplicidade? E querem um filho! Estão louquinhos pra transmitir o legado de sua miséria. Riam, riam.

### **Cena 3**

*Metrônomo em volume baixo. Gravíssimo. 40 bpm.*

*Apoc e Sublim na praça.*

APOC: Acabei de ver um acidente. Foi horrível.

SUBLIM: Conta! Como foi?

APOC: Ela estava no ponto do ônibus. Devia estar lá há muito tempo, parecia impaciente. De repente, um ônibus desgovernado,

enfurecido, subiu na calçada. Foi direto pra cima dela, lançou o corpo pro alto, o corpo se chocou contra um muro, amassou tanto que parecia um papel. Era sangue pra tudo que é lado. O braço foi parar longe. O crânio afundado, uma pasta sangrenta, esmigalhada.

SUBLIM: Meu Deus! Conta mais.

APOC: O cérebro pulou fora. O olho um buraco vazio. Ela berrava muito. Um grito lancinante, ensurdecidor. Uma dor insuportável. O grito não acabava mais. Até que parou, de repente. Tava morta.

SUBLIM: Não posso acreditar, irmã. Conta mais.

APOC: Chega! Até parece que você está gostando de ouvir. Depois fala de mim.

SUBLIM: Eu não. Credo!

APOC: Um pouco de poesia para distrair. “Eu existo para assistir ao fim do mundo. Não há outro espetáculo que me invoque. Será uma festa prodigiosa.”

SUBLIM: Resta a poesia, pelo menos isso.

APOC: Depois os parentes foram chegando. O pai com os filhos, adolescentes, em choque, sem entender nada. Choravam um choro baixo, desesperado, que parecia que nunca mais ia parar.

#### **Cena 4**

*Metrônomo em volume baixo. Allegretto. 120 bpm.*

*Ana e Zé estão de volta ao bistrô onde se conheceram. Bebem vinho. As gêmeas tocam violão e pandeiro pros fregueses.*

SUBLIM: “*Que ele me beije com os beijos de sua boca! São melhores que o vinho teus amores.*”

APOC: Te cala e toca. Saca a cena.

ANA: A sua mão é tão bonita, Zé. E é tão quente a sua mão.

ZÉ: Você gosta quando ela te toca aqui?

ANA: Gosto.

ZÉ: E aqui?

ANA: Gosto, gosto.

ZÉ: Aqui também?

ANA: Delícia. Me sinto tão inteira quando você me toca.

ZÉ: Vou deixar uma marca em você pra sempre, não importa o que aconteça. Minha marca.

SUBLIM: Querem uma foto?

ANA e ZÉ: Claro!

SUBLIM: Nada como eternizar o amor.

*Apoc pega de um golpe o celular do casal, se antecipando à irmã.*

ANA: Está bem assim?

APOC: Mais juntinhos.

ANA: Assim?

APOC: Mais um pouco. Sorriam!

ANA: Por favor, não estou aguentando. Esse sorriso forçado tá doendo.

APOC: Abre mais o olho. Está quase.

ZÉ: Vamos logo. Tá cansando.

APOC: Um minutinho mais, que diferença faz?

*Sem querer, ao se movimentar, Apoc deixa cair a carta.*

*SUBLIM pega a carta no chão, tenta rasgá-la, mas a irmã consegue recuperar.*

SUBLIM: Eles parecem tão felizes. Têm tanto em comum. Esquece essa carta.

APOC: Irmã querida, queira você ou não, o fim tarda mas não falha.

SUBLIM: Você e essa sua neura de fim. Essa foto pode nunca chegar a repousar num porta-retrato, mas ficará na memória deles como um emblema desse amor.

APOC: Lembra do nosso aniversário de quatro anos?

SUBLIM: Lembro, claro. Ainda éramos coladas. Os vestidinhos de festa azuis, idênticos. Os cabelos trançados.

APOC: Outro dia encontrei aquela foto.



SUBLIM: Deixa eu ver.

APOC: Queimei.

*Um barulho forte de explosão.*

SUBLIM: Que barulho é esse?

ANA: Não ouço nada.

ZÉ: Com certeza fogos. Alguma festa junina.

ANA: Em outubro?

ZÉ: Festa no Brasil é o ano todo.

APOC: É tiro. Esse som em sucessão, pa-pa-pa-pa-pa, é tiro.

*Apoc entrega acessórios de fantasia (peruca, óculos, penas) para Ana e Zé. Os dois sambam abraçados. Vão sambando e saem.*

APOC: Eles não conseguem ouvir. Nenhum barulho chega a eles. Estão apaixonados.

*O casal volta. Ana está mancando, sem um sapato, a fantasia desfeita.*

ANA: Meu pé! Alguma coisa me atingiu. Estou sangrando.

*Zé olha em volta, fica sem ação. As siamesas saem correndo.*

ZÉ: Todo mundo sumiu, não tem ninguém pra nos ajudar.

ANA: Faz alguma coisa. Rápido.

ZÉ: Não sei o que fazer...

ANA [*contorcendo de dor*]: Aiiii!

ZÉ: Vou chamar a ambulância. Qual é mesmo o número?

ANA: Tá esperando o quê? Eu aqui sangrando e você parado feito um imbecil.

ZÉ: Calma, meu amor, já vão chegar.

ANA: Não vou te desculpar nunca.

ZÉ: Ana, fica calma, não parece grave.

ANA: Eu vou morrer.

ZÉ: Já estou ouvindo a sirene.

ANA: Você disse que eram fogos. Aiiii! Você jurou que ia me proteger.

ZÉ: Não tenho culpa, essa cidade virou uma guerra.

ANA: Nunca mais vou confiar.

ZÉ: Já estão chegando, meu amor.

ANA: Você é um monstro!

*Apoc entra se esgueirando com medo de bala perdida. Ela quer entregar a carta para Ana, mas Ana, cheia de dor, não percebe. Ana levanta, amparada por Zé, mancando. Os dois saem, ela ainda xingando.*

ANA: Monstro! Monstro!

APOC: Vê se pode: ela queria ser protegida.

SUBLIM: Do quê?

APOC: Acho que da morte. Também da vida.

SUBLIM: Vai acabar assim? Ela morre?

APOC: Não. Foi só um fragmento de bala que passou de raspão.

SUBLIM: E o olhar doce de pomba que ela tinha?

APOC: Bateu asas.

SUBLIM: Estou ficando nervosa. Falta muito pra acabar?

APOC: Acabar o quê?

SUBLIM: Falta muito?

APOC: Bendito Dr Savage que me separou dessa alma chorosa.

SUBLIM: No fundo sempre seremos uma só. Me dá aqui, vou comer essa carta.

APOC: Sai pra lá [*empurra a irmã*].

## **Cena 5**

*Metrônomo em volume baixo. Largo. 50 bpm.*

*Ana e Zé vão visitar um apartamento. Ela tem um pé enfaixado.*

ZÉ: Esse é o quinto apartamento que vemos.

ANA: Horrroso.

ZÉ: Até que o último não era tão ruim. A gente tem que baixar nossas expectativas, ficar mais realista.

ANA: Era ruim sim. Vamos procurar mais.

ZÉ: Quero te ver feliz. Só isso que eu quero.

ANA: A gente vai encontrar um que seja a nossa cara.

ZÉ: Nossa casinha. Onde ficaremos velhinhos.

ANA: Esse aqui diz “dois quartos compactos”, nem vale à pena ver. Preciso de espaços amplos. Nada que me aperte, que me sufoque.

ZÉ: Eu sei. Independente. Você nunca escondeu isso. Menos em certos momentos...

ANA: Não acredito que você vai falar disso agora.

ZÉ: Não quis te ofender.

ANA: Eu fui atingida! Um tiro! E você nem aí.

ZÉ: Garagem tem que ter. Eu não podia fazer nada.

ANA: Claro.

ZÉ: E você também me ofendeu. Me chamou de inútil.

ANA: Você tinha prometido. Achei que podia confiar.

ZÉ: Duas vagas. Pro meu carro e pro seu.

ANA: Tem que ser espaçoso e claro.

## **Cena 6**

*Metrônomo em volume baixo. Lento. 60 bpm.*

*Passagem de tempo. Ana e Zé, na cozinha da nova casa, preparam comida juntos.*

ZÉ: Deixa que eu faço o molho. Um molho de funghi, caprichadíssimo, receita de vó Ana. O cogumelo é um fungo. Pertence ao reino Fungi. Você sabia?

ANA : Sei, sei. Você já me falou disso.

ZÉ: São organismos eucariotas. Têm um papel essencial na decomposição da matéria orgânica.

ANA: Legal. Cuidado aí pra não queimar.

ZÉ: É o maior ser vivo da Terra, acredita nisso?

*Ana faz que sim.*

ZÉ: Perguntinha pra minha linda: O cogumelo é mais uma planta ou um animal?

ANA: Não tenho ideia.

ZÉ: Te peguei! É mais próximo de um animal. Não é incrível?

ANA: Pára com isso, Zé. Parece que engoliu o wikipedia. Que mania de querer me explicar tudo o tempo todo. Droga, você queimou o molho! Vamos pedir uma pizza.

*Apoc e Sublim trazem a pizza.*

APOC: Vocês pediram margherita?

*Ela insinua que vai entregar a carta para Ana junto com a nota.*

SUBLIM: Não, irmã. Deixe, ao menos, que comam em paz.

APOC: Ele quer explicar o mundo para ela. É assim que se sente bem, como um pavão se exibindo pra fêmea.

SUBLIM: Quem sabe ela acostuma?

## **Cena 7**

*Metrônomo em volume médio. Vivace. 160 bpm.*

*Sublim e Apoc estão na praça.*

SUBLIM: Que noite linda.

APOC: O que é lindo? Esse lixo transbordando da caçamba? Esse fedor? Essas crianças cheirando cola? O que é lindo, me diz?

SUBLIM: O céu. Esse ventinho. Mas entrego os pontos. Se tudo tem de acabar, que seja hoje.

APOC: Você sempre ansiosa. Tem que saborear cada golinho....

SUBLIM: Enquanto há vida... completa aí.

APOC: Acorda. Já não somos uma só, caminhando sempre na mesma direção.

SUBLIM: Então aquela outra. A esperança é a última... Ainda acho que eles vão acabar se entendendo. Quando nos separaram pensei que era o fim, e sobrevivemos.

APOC: O mundo ia se acabar. Era o bug do milênio. Uma pane geral nos computadores ia fazer os aviões caírem, ia ter chuva radioativa, secas, saques, apagão. Trevas.

SUBLIM: Eu acreditei, tive pânico.

APOC: Fui pra praia com uma garrafa de guaraná. Queria comemorar.

SUBLIM: Era estranho. Já não éramos uma só. Corri atrás de você.

APOC: Que festa! O maior espetáculo da Terra.

SUBLIM: Fiquei aliviada quando amanheceu o dia. Não acabou. Cálculos e mais cálculos. E até agora...

APOC: Mas que o Sol vai explodir é fato.

SUBLIM: Quando?

APOC: Uns seis bilhões de anos... talvez sete...

SUBLIM: Milhões ou bilhões?

APOC: Que diferença isso faz pra você?

SUBLIM [*chorando*]: Me importa sim. Já está acabando? Me diz! Tá acabando?

APOC: Segura a onda, irmã. Os japoneses enxergam beleza na impermanência. Nada é mais belo do que o que fenece.

*Apoc pega a carta, toda amassada. Estende para Sublim.*

APOC: Você vai entregar.

SUBLIM: Nós éramos tão felizes, as barrigas coladinhas, os cabelos de uma fazendo cosquinha na outra.

APOC: Você sempre à tiracolo, não me deixava em paz um minuto.

SUBLIM: Vou sumir com essa carta. Quem sabe assim a história muda?

APOC: Não fará muito diferença. Por e-mail, whatsapp, de qualquer modo vai acabar chegando.

## **Cena 8**

*Metrônomo em volume médio. Vivacíssimo. 170 bpm.*

*TV ligada no bistrô. Apoc e Sublim jogam cartas enquanto ouvem o noticiário. Reagem à cada notícia.*

*TV ligada na casa de Ana e Zé. Sonolentos, quase sonâmbulos, vão comendo cada vez mais frenéticos à medida que assistem o jornal.*

*Ouve-se em off a voz empolgada do locutor:*

Chega a 60 o número de policiais mortos no Rio de Janeiro. Desculpe, 61.

Achados 50 corpos no porão de um barco de refugiados na Líbia.

Adolescente é estuprada por oito jovens. Vídeo alcança 300 mil visualizações na internet.

Forte terremoto atinge o México. Não há registro de mortos ou feridos. [*Apoc se mostra decepcionada*]

ZÉ: Ainda estou com fome.

ANA: Vai na cozinha e vê se acha um resto de qualquer coisa na panela.

ZÉ: Sobrou carne?

ANA: Deve ter sopa ainda.

ZÉ: Olha pra mim.

ANA: Tá bom. Eu vou.

ZÉ: Não é isso. Você está mudada.

ANA: Mudei sim. Só poste que fica parado.

ZÉ: Você cuidava de mim.

ANA: E eu sou sua mãe? Logo terei um filho pra cuidar.

ZÉ: Tinha um cuidado, um carinho. Tem alguém? Fala.

ANA: Estou exausta.

ZÉ: Quem é? Eu conheço?

ANA: Ninguém. Não sinto nada.

ZÉ: Você está cansada.

ANA: Estou morta.

SUBLIM: Desliga essa TV.

APOC: Posso desligar, mas tem milhões de outras. Em todas as casas, lojas, carros, botequins.

## **Epílogo**

*Metrônomo em volume médio. Vivacíssimo. 170 bpm.*

*Ana e Zé estão no bistrô. As irmãs mudam a fachada do bistrô.*

*Na nova fachada está escrito “Epílogo”.*

ANA: Dizem que todo casal vive uma crise a cada sete anos. E que a gente também tem uma renovação celular completa a cada sete anos. Você acredita nisso?

ZÉ: Não sei. Mas um bar chamado Epílogo? Muito mau gosto.

ANA: É, Zé, não dá mais. Acabou.

ZÉ: Nunca mais nos falaremos?

ANA: Nunca mais.

ZÉ: Nunca mais nos tocaremos?

ANA: Nunca mais.

ZÉ: E beijaremos?

ANA: Não.

SUBLIM: Não adianta, não vou ter coragem.

APOC: Tá bom. Esse papel é mesmo meu. Dá aqui essa carta.

*Apoc faz da carta um pássaro de origami e lança sobre a mesa do casal. Ana pega o pássaro, o examina, e entrega para Zé.*

ZÉ: Algum dia houve amor?

ANA: Eu queria tudo de você. Tudo. Menos o que você tinha pra me dar.

ZÉ: Houve amor?

ANA: Sim. Agora. Te amo agora, neste derradeiro dia, em que te livro de mim.

SUBLIM: Bonito isso. Será que eles não vão se encontrar mais à frente, se reconciliar? Terão direito a um novo começo?

APOC: E a um novo fim.

SUBLIM: Já dá pra contar como termina essa história?

APOC: Passaram aqui quatro cavaleiros: peste, guerra, fome e morte.

SUBLIM: Não se esqueça, irmã. O amor é tão poderoso como a morte.

APOC: E a paixão tão forte como a sepultura.

SUBLIM Essa fala é minha!

APOC: As previsões não terem se realizado não significa que jamais se realizarão.

SUBLIM: Agora que está acabando, me conta, qual o sentido?

APOC: Ô tolinha, não entendeu? Escuta.

*Ouve-se o som do metrônomo. 208 bpm. Prestíssimo. Altíssimo.*

*Fim.*